

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E UM NOVO MODELO DE DESENVOLVIMENTO

Gigantes em desenvolvimento como China, Índia e Brasil terão neste século um desafio inédito. Ao contrário das nações ricas, não bastará aos emergentes um alto índice de crescimento econômico: a questão ambiental impõe um novo modelo de desenvolvimento.

Dependendo dos caminhos escolhidos, o crescimento pode significar consumo desenfreado de energia, desmatamento, degradação ambiental e, conseqüentemente, aumento das emissões de gases causadores do efeito estufa e comprometimento da qualidade de vida das gerações futuras.

Resta saber se nesses países, onde a pressão por crescimento e geração de empregos muitas vezes tira da agenda as questões ambientais, conseguirão encontrar um caminho alternativo.

No final de junho, a Índia lançou o Plano Nacional de Ação Climática que prevê ações de promoção de processos de produção e estilo de vida sustentáveis. Energia solar é o primeiro item da lista com as oito prioridades do governo para reduzir as emissões de GEE.

As outras sete prioridades são aumento da eficiência energética, habitações sustentáveis, conservação da água, sustentabilidade do ecossistema do Himalaia, desenvolvimento de uma "Índia verde", agricultura sustentável e criação de uma plataforma de conhecimento estratégico sobre as mudanças climáticas.

Em conversa com pesquisadores e representantes de organizações da sociedade civil na Índia, muitos disseram que um combate sério e eficaz contra a pobreza seria metade do caminho para os problemas ambientais e o aquecimento global.

A verdade é que, muitas vezes, os planos nacionais de combate às mudanças climáticas estão completamente descolados dos demais planos nas áreas sociais e econômicas. Não é raro que, dentro de um mesmo governo, existam visões e posições antagônicas.

A impressão que tenho é que, em muitos países em desenvolvimento – em especial os gigantes – o tema das mudanças climáticas está em disputa. Porém, a maior disputa é a de que modelo de desenvolvimento cada um desses países irão adotar no futuro. E para influenciar esse processo é fundamental a coordenação de esforços internos e internacionais em direção à alternativas concretas, ou, no mínimo, menos desastrosas.

Rafael D'Almeida Martins é formado em Administração Pública (FGV-EAESP) e Doutorando em Ambiente e Sociedade na UNICAMP. Atualmente é pesquisador visitante no Institute for Environmental Studies na Vrije Universiteit Amsterdam na Holanda (Bolsista CAPES). Diretor-executivo do Centro de Estudos e Pesquisas em Políticas Sociais e Qualidade de Vida (CEPPS). Para saber mais, acesse: www.cepps.org.br.